

11.473 — 18-12-1962

Aguardámos intencionalmente a publicação deste número comemorativo do segundo aniversário de «República Juvenil», para apresentarmos uma rápida troca de palavras que uma noite estabelecemos com o nosso jovem amigo Almeida Faria. Melhor momento não podia haver, de facto: Almeida Faria, autor do romance «Rumor Branco» — livro este ano distinguido com o Prémio de Revelação de Romance da Sociedade Portuguesa de Escriitores e com o qual uma importante editora de Lisboa estreia uma colecção denominada «Novos Romancistas» — iniciou a sua actividade literária nas colunas do «Juvenil». (Mais concretamente: num suplemento idêntico ao nosso de outro vespertino da capital, aonde durante cerca de quatro anos trabalhámos antes de ter surgido a actual «República Juvenil»).

E mesmo Almeida Faria quem nos afirma:

— Não tenho dúvidas quanto à acção estimuladora que em mim exerceu o «Juvenil». (Aliás, penso que um jornal juvenil deverá ter sobretudo essa função incentiva). No caso do «Juvenil», é necessário que não esfrie a notável tarefa pedagógica que tem vindo a ser desenvolvida através destes últimos anos: a elaboração de um suplemento dirigido e colaborado exclusivamente por jovens é decerto um acontecimento inédito entre nós e, o que é muito importante, revela encontrar-se a gente nova apta a assumir com coerência amplas responsabilidades.

— Concordas então que o ambiente de trabalho no «Juvenil» é propício à criação de valores?

— Não só à criação de valores ~~bem como à descoberta de autênticos talentos~~, *culturas, mas também pessoais.*

— E Almeida Faria prossegue:

— Para enquadrarmos, seriamente, a obra do «Juvenil», julgo suficien-

11.473 — 18-12-1962

te dizer que um considerável número de jovens que neste momento se encontram a constituir ~~certos movimentos~~ ^{certos núcleos} dignos do nosso mais entusiástico aplauso e assentimento (literários, estudantis, teatrais, etc.), já se relacionavam de qualquer modo com o «Juvenil».

— Além do «Juvenil» — pergunta-mos — algo mais te levou, a entusiasmares pelas letras?

Sim, sobretudo de certas aulas de Almeida Faria de uns trabalhos que todas as segundas-feiras um professor que vive em Évora marcava, para fazermos em casa. Esse professor é o autor do prerocio deste meu primeiro livro, «Rumor Branco».

— Vêgílio Ferreira?

— Exactamente.

— Queres-nos falar de «Rumor Branco»? — dizemos a terminar.

— Empenhei-me em realizar um romance novo, de certo modo revolucionário, facto porque ponho sérias dúvidas relativamente à acessibilidade que fruirá o livro; quero com isto dizer que «Rumor Branco» dificilmente poderia constituir um «romance de sucesso»: como sabes, qualquer arte que se opõe aos sistemas tradicionais ~~mas~~ ^{mas} é, na maioria das vezes, admitida com afabilidade na altura.

Confiemos que num futuro próximo — conclui Almeida Faria — se vá minorando o ~~baixo~~ ^{baixo} conhecido e significativo divórcio entre o intelectual e o público, ~~menos esclarecido~~.

*

Reportamos o leitor para a narrativa de Almeida Faria intitulada «A Revolta e a Morte», uma página retirada ao acaso do romance «Rumor Branco».

F.

Portada
Jela Curran